

A perseguição nazista a homossexuais na França e na Alemanha: uma perspectiva comparada a partir das memórias de Pierre Seel e Rudolf Brazda sobre o traumaⁱ

Luiz Fernando de Oliveira Rosseto¹

Pedro Carvalho Oliveira²

Resumo: O seguinte artigo realiza um estudo comparado entre as obras “*Eu, Pierre Seel, Deportado Homossexual*” (2012) e “*Triângulo rosa: Um homossexual no campo de concentração nazista*” (2011), que retratam as memórias de dois Triângulos Rosa, Pierre Seel e Rudolf Brazda, em campos de concentração durante o Terceiro Reich. Seel, nascido na Alsácia, entra em contato, na adolescência, com a subcultura gay em Mulhouse. Após o roubo de seu relógio em um ponto de encontro entre homossexuais, tem seu nome adicionado à lista de homossexuais locais, que seria utilizada pelos nazistas para persegui-los. Já Brazda, membro de família tcheca em Meuselwitz, na Alemanha, viveu sob relativa tolerância da República de Weimar, mas, com a ascensão nazista, acabaria preso e condenado pelo Parágrafo 175. Embora os testemunhos aconteçam em localidades diferentes, ambos relatam o mesmo evento histórico, portanto, pretende-se explorar esse diálogo por meio da metodologia da História Comparada, descrita por D’Assunção Barros.

Palavras-chave: Triângulos Rosa; História Comparada; História do Tempo Presente; Holocausto; Nazismo.

¹Mestrando em História Política pela Universidade Estadual de Maringá; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2588135592191588>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4654-3556>; E-mail: luiz.rosseto_2012@hotmail.com.

²Doutor em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, UEM. Professor Adjunto de História Moderna e Contemporânea do Colegiado de História da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf - Campus Senhor do Bonfim/BA); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5308202464493853>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0393-4143>. E-mail: pedro.labtempo@gmail.com.

A perseguição nazista a homossexuais na França e na Alemanha: uma perspectiva comparada a partir das memórias de Pierre Seel e Rudolf Brazda sobre o trauma
ROSSETO, L. F. O.
OLIVEIRA, P.C.

The nazi persecution of homosexuals in France and Germany: a comparative perspective from the memories of Pierre Seel and Rudolf Brazda

Abstract: The following article performs a comparative work between the Works 'Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel' (2012) and 'Itinéraire d'um triangle rose' (2011), which shows the memories of two Pink Triangles, Pierre Seel and Rudolf Brazda, in concentration camps during the Third Reich. Seel, born in Alsace, came into contact with the homosexual subculture during his teenage years in Mulhouse. After a watch theft, his name was added to a local list of homosexuals, which the Nazis would later use to persecute and arrest him. Brazda, a member of a Czechoslovakian family in Meuselwitz, Germany, lived under the relative tolerance of the Weimar Republic, but with the rise of Nazism, he would be condemned under Paragraph 175. Although both testimonies took place in different locations, they retell the same historical event. Therefore, the goal of this work is to explore this dialogue using the Comparative History methodology, as described by D'Assunção Barros.

Keywords: Pink Triangles, Comparative History, Present time History, Holocaust, Nazism.

Introdução

Em fins do século XIX, com a perspectiva positivista e cientificista ainda dominando a Europa, a questão homossexual começa a deixar de ser considerada um pecado e passa a adquirir uma perspectiva patológico-científica, sendo estudada mais profundamente e vista por médicos e cientistas como “um distúrbio hormonal ou mental de fundo orgânico”ⁱⁱ. Contudo, essa cientificização também abre espaço para o desenvolvimento de uma sexologia que consideraria o ato natural e não como doença.

Outro fenômeno importante nesse período é o processo de urbanização e desenvolvimento de grandes centros urbanos e financeiros, principalmente nas grandes capitais europeias, que permitiam maior anonimato aos homossexuais, de modo que poderiam explorar sua sexualidade longe das pequenas comunidades familiares em que viviam no campo. Dentro deste contexto, desenvolve-se uma subcultura homossexual nas cidades, com códigos de comunicação e locais de encontro próprios, como bares e praças, onde seria possível encontrar-se com iguais.ⁱⁱⁱ

Curiosamente, uma cidade que reunia esses dois fenômenos muito bem era a capital alemã, Berlim. Apesar de, assim como outros países europeus, criminalizar a homossexualidade, por meio do Parágrafo 175 do Código Penal Alemão, a Alemanha foi palco de um protoativismo LGBTQ+, o qual ocorre, segundo Quinalha, por alguns motivos como: a criminalização em si, promovida pelo Parágrafo 175, o qual “estabelecia que ‘um ato sexual não natural cometido entre pessoas do sexo masculino ou por humanos com animais é punível com prisão’, acrescentando que ‘a perda dos direitos civis também pode ser imposta’^{iv}; a constituição de uma sociedade letrada que tinha constante contato com os jornais, incluindo alguns com temáticas homossexuais; o esforço pela naturalização dos atos homossexuais promovida por médicos, como Magnus

Hirschfeld, fundador do *Institut für Sexualwissenschaft* (Instituto de Estudos sobre Sexualidade); a existência de uma cultura masculinista predominante, que pregava a amizade e proximidade entre homens, beirando a misoginia; e, por fim, o desenvolvimento urbano e o anonimato promovido por ele.

Contudo, apesar dos avanços conquistados durante a República de Weimar, instaurada após o fim da Primeira Guerra Mundial, na qual “o poder político e a democracia liberal [...] pareciam consolidar-se e uma enorme efervescência cultural tomou conta do país, especialmente em Berlim”^v, começa a adquirir grande expressão na Alemanha um movimento conservador, liderado pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (o Partido Nazista), o qual apropria-se dos ideais militaristas, reacionários e conservadores da sociedade do antigo Império Alemão, adicionando a ideia de superioridade de raças, atrelada ao racismo e ao antissemitismo.

Impulsionados pela Crise de 1929, que traz grandes dificuldades econômicas à Alemanha, assemelhando-se ao cenário pós-guerra, os nazistas chegam ao poder em 1933, com a promessa de trazer de volta a prosperidade e grandeza da nação, por meio de Adolf Hitler, designado chanceler da Alemanha, representado como a figura de um líder salvador da pátria e que resolveria todos os problemas da sociedade alemã. Estava instaurado, então, o Terceiro Reich.^{vi}

Com sua política expansionista baseada na dominação de outros povos, os nazistas também implantaram no interior de seu território, e dos territórios conquistados, a perseguição àqueles que manchariam a raça ariana pura e superior dos alemães, sendo diversas as vítimas, como os judeus, testemunhas de Jeová, comunistas e homossexuais. Os homossexuais, por sua vez, eram perseguidos por serem considerados traidores da raça ariana, pois, por não reproduzirem, não perpetuariam sua descendência e não contribuiriam com novos indivíduos para o fortalecimento do Reich.^{vii}

Entretanto, a perseguição a homossexuais nos regimes nazifascistas é envolta por certas contradições: a princípio, os fascismos enxergavam a Igreja Católica, e suas instituições das quais os jovens participavam, como um obstáculo para o monopólio de dominação da educação moral e cívica, que deveria ser exercida na Alemanha pela Juventude Hitlerista. Sendo assim, a solução encontrada seria “dar ampla publicidade aos julgamentos (forjados ou não) contra padres e leigos de instituições religiosas acusados de abusar de meninos”^{viii}, gerando descrédito e repulsa para/com a Igreja Católica. Mas o golpe final se dá com a Noite das Facas Longas, e o rompimento entre Hitler e Ernst Röhm, líder das SA e homossexual, na qual a homossexualidade é utilizada como arma política e justifica a ação violenta contra Röhm, que ameaçava o poder do líder nazista, o que faz com que a homossexualidade seja “alçada ao nível de preocupação permanente do Estado Nazista”.^{ix}

Deste modo, os nazistas basearam-se no Parágrafo 175 do Código Penal Alemão, herdado do antigo reino da Prússia, que condenava e criminalizava os atos homossexuais, para prenderem tais indivíduos e, conseqüentemente, enviá-los para os campos de concentração, nos quais recebiam a identificação de um triângulo rosa em seu uniforme, equivalente à estrela de Davi amarela presente nos uniformes dos judeus.

Duas figuras inseridas neste contexto e que sofreriam com a perseguição nazista e acabariam nos campos de concentração nazista seriam Pierre Seel e Rudolf Brazda: Pierre Seel, francês e último filho de uma família católica da região da Alsácia, começou a interessar-se pela subcultura gay e pelo estilo *zazou* em sua cidade, Mulhouse, já no fim de sua adolescência. Aos 16 anos, após o roubo de um relógio, em um local de encontro entre homossexuais, e a conseqüente denúncia à polícia local, Pierre tem seu nome acrescentado à lista de homossexuais locais, o que posteriormente, durante a invasão nazista na França,

resultaria em sua prisão e transferência para o campo de Schirmeck-Vorbrück. Enquanto isso, Rudolf Brazda, descendente de tchecos nascido em Meuselwitz, na Alemanha, viveu sob a relativa tolerância encontrada durante a República de Weimar, e, entre 1933 e 1937, manteve uma relação com seu primeiro parceiro, Werner. Contudo, a ascensão nazista e o endurecimento do Parágrafo 175 resultariam na prisão de ambos e posterior condenação aos campos de concentração.

Deste modo, a partir da utilização da metodologia da História Comparada, descrita por José D'Assunção Barros em livro homônimo, seria possível encontrar as semelhanças e divergências entre os relatos biográficos de ambos os Triângulos Rosa citados. Afinal, apesar de serem pessoas localizadas distantemente no espaço, ambas foram perseguidas pelo mesmo regime opressor e passaram por experiências parecidas nos campos de concentração, porém cada um com suas particularidades.

Análises

Apesar de esperar-se por histórias semelhantes entre Rudolf Brazda (1913-2011) e Pierre Seel (1923-2005), afinal ambos passam pela trágica experiência dos campos de concentração nazistas, ao debruçarmo-nos sobre seus testemunhos encontramos duas trajetórias diferentes sobre um mesmo acontecimento histórico, claro, com suas semelhanças, mas suas individualidades se destacam ao longo de suas biografias.

Para destacar tais elementos entre a biografia de Brazda e a autobiografia de Seel, foram elencadas três categorias, divididas em subtópicos, utilizadas para a análise, sendo elas: 1) Vida pré-chegada dos nazistas (a. Interesses amorosos, b. Relação com a família); 2) Vida durante a ocupação nazista (a. Prisão, b. Campo de concentração, c. Vida no campo de concentração, d. Como lidaram com isso?,

e. Como sobreviveram?); 3) Vida após a derrota dos nazistas (a. Tratamento pelo Estado, b. Recuperação pós-Holocausto). Além disso, viu-se como pertinente buscar respostas para as seguintes perguntas: 1) Quando, como e onde foi produzido o testemunho?; 2) O que os testemunhos revelam sobre a história, a sociedade ou a cultura?; 3) Que insights os testemunhos oferecem sobre a experiência humana?

1) Vida pré-chegada dos nazistas

Ambos os personagens partem coincidentemente de uma origem semelhante. Nascido no vilarejo de Brossen, na época pertencente à região da Saxônia, na Alemanha, Rudolf Brazda é o caçula dos oito filhos do casal de imigrantes Emil Adam Brazda e Anna Erneker, ambos nascidos no Império Austro-húngaro, na região que viria a ser a Tchecoslováquia. Apesar de falar apenas alemão e ter nascido em território germânico, do ponto de vista legal, Brazda é considerado cidadão tchecoslovaco, visto que seus pais o são, o que o traria complicações legais em seu futuro. Enquanto isso, Pierre Seel, nascido em uma família católica e comerciante na região da Alsácia e caçula de cinco filhos, também passaria por questões de deslocamento quanto a suas origens: visto que a região da Alsácia era, historicamente, disputada entre Alemanha e França, Seel seria visto como “muito alemão” entre os franceses e como “muito francês” entre os alemães.

Partindo de tal princípio comum quanto a situação nacional, ambos encontrariam dificuldades em relação a suas nacionalidades ao longo de seus testemunhos. Entretanto, a situação de deslocamento diferencia-se em outras instâncias, como nas relações com as famílias, com a religião, com a sexualidade e com a sociedade em si, como será discutido daqui para frente.

Dito isso, Rudolf Brazda cresce no vilarejo de Brossen, onde, aos 14 anos larga a escola para trabalhar no setor têxtil, por conta de sua afinidade com a costura, mas logo depara-se com a barreira da nacionalidade e perde seu emprego por conta da preferência por mão de obra alemã, afinal era considerado legalmente tchecoslovaco. Seu próximo emprego, como telhador, permite-lhe juntar dinheiro o suficiente para comprar uma bicicleta, o que facilitaria sua movimentação pelos arredores da cidade, onde desenvolve algumas relações de amizade. Em Altenburg, uma cidade a cerca de 12 quilômetros do vilarejo, Rudolf passa a perceber que, apesar de se dar bem com as garotas, sua atração se destina aos garotos. É nesta época, com um jovem chamado Horst, que ocorre seu primeiro contato sexual. Mas a visão negativa atribuída à homossexualidade, devido à associação à prostituição, torna-o hesitante ao procurar outras companhias masculinas de início.

Rudolf passa a frequentar bailes e festas nas cidades vizinhas, onde descobre-se um bom dançarino, sempre requisitado pelas mulheres, que o acolhem em seu grupo e tornam-se suas confidentes, inclusive em questões relacionadas à sexualidade. É justamente em um desses bailes, em Meuselwitz, que avista o jovem Werner, com o qual, poucos meses depois, passaria a viver junto em um quarto alugado na casa da senhora Mahrenholz. A locatária, curiosamente firme Testemunha de Jeová, cede ao casal o maior cômodo, para que tenham maior privacidade e possam receber amigos, e não deixa que suas crenças interfiram no afeto que sente por Rudolf e Werner. Neste contexto, forma-se um grupo improvável. Somados ao jovem casal encontramos: Hans, sobrinho de uma das outras inquilinas; Rudi, filho de uma conhecida da senhora Mahrenholz, e um amigo; amigos de infância de Werner e outras amizades feitas por meio de Hans.

Forma-se um animado grupo de pessoas com a mesma orientação sexual. [...] Para todas essas pessoas, o

apartamento em Meuselwitz se transforma em lugar de reunião. O grupo joga cartas, conversa sobre frivolidades e alguns até se vestem de mulher chique. [...] Participam desses encontros algumas amigas lésbicas: Elfriede, garçoneiro em um restaurante da cidade, e sua amiga que mora em Leipzig.^x

A família Brazda, apesar de religiosa, aceita Werner como companheiro de Rudolf e realiza, em 1933, um almoço para simbolizar a união do novo casal, ao qual comparecem os irmãos de Rudolf e alguns dos amigos citados que frequentavam o apartamento em Meuselwitz. Aos 19 anos, Rudolf encontra-se feliz em relação a sua família, seu parceiro e seus amigos, e, durante os dias livres, passeia de bicicleta nos arredores da cidade com Werner ou frequenta o Café New York, localizado em Leipzig, um ponto de encontro entre homossexuais da região.

Pouco depois, Rudolf consegue a dispensa ao serviço militar tchecoslovaco e, sem o risco de encontrar problemas legais no seu país natal, pretende visitá-lo pela primeira vez com Werner, em 1936. Decidem, então, visitar a cidade de Karlsbad, uma estação termal, onde logo deparam-se com outros homossexuais, com os quais fazem amizade e passam a trocar cartas quando voltam para casa, ato que se tornaria perigoso nos próximos anos com o aumento da vigilância nazista. Ao fim do mesmo ano, Werner é chamado ao exército para o alistamento militar em Naumburg, enquanto Rudolf, na época desempregado, passa a ocupar um cargo na cozinha de um hotel em Leipzig. Estas seriam algumas das últimas vezes que o casal se veria.

Em contrapartida, Pierre Seel teria uma trajetória bem mais conturbada que a de Rudolf. Nascido em 1923 na região da Alsácia, cresce na cidade de Mulhouse, onde a família é proprietária de uma confeitaria muito frequentada pela burguesia local, localizada na *Rue du Sauvage*, e habita o andar de cima. A família Seel, adepta da fé católica e defensora de valores patrióticos durante a Primeira Guerra,

transmitiria o sentimento de orgulho francês, em oposição ao protestantismo germânico, aos filhos, inclusive a Pierre, que tornaria-se um católico fielmente praticante.

Minhas boas notas em religião não eram estranhas nem à minha fé, nem ao grande ambiente fervoroso em que eu vivia. Em casa, no momento de ir à missa, nós recitávamos a bênção de ação de graças. [...] De manhã, eu me levantava mais cedo que os meus colegas de classe, e, antes das aulas, assistia à missa, o que me dava direito a uma bonificação no resultado escolar. [...] Eu adorava todo esse cerimonial. Esses rituais e essas emoções deixavam o caminho livre para a minha poética imaginação.^{xi}

Durante a infância, o francês relata diversos episódios familiares nos quais é possível observar o conservadorismo e a discrição presentes na casa de seus pais. Seus irmãos, com entusiasmo, falavam sobre paqueras e garotas, mas sempre longe dos pais para não serem repreendidos. Sua irmã mais nova, como acreditara ser até os onze anos, na verdade seria filha de sua tia, que morrera anos antes. Em meio à visita de uma tia que atuava como freira na Suíça, Pierre e a irmã observam, pela fechadura da porta, a mulher sem o véu e correm para contar à mãe sobre os lindos cabelos da tia. O ato resultaria em uma surra pela insolência infantil. É neste ambiente que Pierre cresceria, com certa rigidez e assuntos nunca comentados, mas também afeto por parte dos pais.

Entretanto, é no contexto religioso em que Pierre encontra seus primeiros questionamentos a respeito da homossexualidade. Após acompanhar seu pai a um balneário, no início da adolescência, e deparar-se com corpos de outros jovens nus na praia, Pierre relata sentir-se de certa forma perturbado e agitado. Mais tarde entenderia que isso significara um de seus primeiros contatos com sua homossexualidade. Por conta de sua crença, o jovem demoraria a aceitar o fato e

levaria o assunto para o padre em meio ao ato da confissão, mas não consegue o alívio que busca, como observado no excerto:

Tentei me abrir com meu confessor. Mas sofri as consequências das minhas audaciosas confidências. A confissão de uma simples masturbação havia feito o padre se recusar a me dar a absolvição. Isso me levou a noites inteiras de obsessão com o inferno e com vergonha do pecado. [...] Ele [o padre,] explorava a intimidade da minha consciência com o voyeurismo de uma câmara impudica. Provocantes, as suas perguntas incendiavam a minha imaginação ou avivavam as minhas angústias. Você fez isso? Teve vontade? Com quem? Como? Onde? Quando? Quantas vezes? Sentiu vergonha ou prazer? Quando o assédio parava, tinha a convicção de que eu era um monstro.^{xii}

Os gatilhos desencadeados pelo assédio e por tais questionamentos acompanham Pierre por toda a adolescência e ecoam também em sua vida adulta. O conflito entre sua sexualidade e sua fé não seriam conciliados, mas alterariam fortemente seu credo no fim de sua adolescência. Aos dezessete anos, o jovem desenvolve grande afinidade pela moda *zazou*, deixa de levar suas questões sexuais ao confessor e passa a praticar sua homossexualidade, frequentando um ponto conhecido na cidade: a praça Steinbach. Em meio ao contato com outros jovens, Pierre também toma conhecimento de um salão, localizado no segundo andar de um café no centro da cidade e frequentado por importantes figuras da burguesia local, onde, “protegidas dos olhares indiscretos, as relações se estabeleciam entre nós”.^{xiii}

É nessa época que, após o roubo de seu relógio na praça Steinbach, Pierre acabaria marcado politicamente por sua sexualidade. Em busca de conseguir seu objeto de volta, o jovem vai à delegacia relatar o acontecido, contudo, após uma série de perguntas, o policial associa o local ao horário de ocorrência dos fatos e

identifica Pierre como homossexual. De imediato, nada ocorre a Pierre, pois a homossexualidade não era criminalizada na França desde o Código Napoleônico, mas seu nome seria adicionado às listas rosas^{xiv}, que passariam às mãos dos nazistas mais tarde.

2) Vida sob a ocupação nazista

Antes de abordar os seguintes fatos ocorridos na vida de Brazda e Seel, é importante retomarmos brevemente as bases de sustentação da perseguição aos homossexuais desse período. As convenções sociais da cultura cristã ocidental, desde os princípios do medievo, já apontam para a condenação de relações entre pessoas do mesmo sexo, com base na ideia de pecado^{xv}, entretanto, na sociedade contemporânea do século XIX e início do século XX a repressão conta com uma base não mais religiosa, mas sim legal ou moral. Países como o Império Alemão possuíam em sua legislação itens que condenavam a prática homossexual, caso do Parágrafo 175 que é herdado do Código Penal do Reino da Prússia após a unificação alemã e reforçado pelos nazistas em 1935^{xvi}, enquanto a França, como dito há pouco, deixaria de criminalizar a homossexualidade com o Código Napoleônico de 1804, o que não impedia a condenação social e moral sobre a conduta. Para fins de esclarecimento, é importante ressaltar que, a partir da invasão nazista à França, em 1940, o país invadido passaria a adotar a legislação alemã, condenando legalmente a homossexualidade mais uma vez, o que causaria efeito direto na vida de Pierre Seel.

Dito isso, em 1937, com os efeitos do reforçamento do Parágrafo 175 surtindo, Rudolf é encontrado por meio de um efeito dominó que atinge os homossexuais conhecidos. O jovem é arrancado de seu quarto, no hotel onde trabalhava, sob ordens do Ministério Público por estar sob suspeita de transgredir a legislação, tem seus bens vasculhados pelas autoridades e é levado à delegacia. À princípio,

Rudolf nega sua homossexualidade e sua relação com Werner e com os amigos do apartamento em Meuselwitz, mas os policiais possuem uma foto sua na companhia de Werner e dos outros, restando-lhe nenhuma opção que não seja confessar conhecê-los, mas continua negando a homossexualidade.

Os policiais o mantêm detido e dão início às investigações que provariam sua homossexualidade. Em primeiro lugar, chegam a Elfriede, uma das amigas lésbicas de Meuselwitz, que confessaria já ter visto Rudolf e Werner se beijando. Em seguida, vasculham o apartamento de Werner e encontram cartas que também comprovam a relação amorosa. Diante das provas, Rudolf confessa e acaba condenado a 6 meses de detenção.

Sem conseguir aguentar a pressão, ele chora ainda mais e termina seu depoimento com as seguintes afirmações: “Eu jamais poderei me relacionar com uma mulher. Aceitarei a pena que me cabe, depois irei para a Tchecoslováquia. Se o amor entre homens deve ser punido assim, prefiro o suicídio à mudança de sexualidade”.^{xvii}

Após cumprir sua pena e ser considerado *persona non grata* pelo regime nazista, Rudolf parte para a região dos Sudetos na Tchecoslováquia, onde, depois de confidencializar a um homem que teria fugido da Alemanha por ser um simpatizante comunista, consegue abrigo por um tempo até conseguir um quarto para si. Vivendo de pequenos trabalhos, o jovem consegue um lugar para morar e passa a trabalhar em um restaurante frequentado por homossexuais da região, onde conhece o jovem ator Toni. Por meio dele, Rudolf seria contratado por sua trupe de teatro e passaria a exercer múltiplas funções enquanto viajava com os atores, em sua maioria judeus, e desenvolve um relacionamento com Toni.

Essa vida duraria poucos meses até a invasão de Hitler aos Sudetos e a instauração de um clima antissemita que resultaria na dissolução da trupe. Rudolf passa a viver com Toni, que consegue um trabalho bem remunerado como

cabeleireiro, mas logo seria convocado pelo exército, e consegue um trabalho como telhador, o suficiente para sustentar-se. Com a dominação nazista na região, instauraria-se novamente uma “caça às bruxas” aos homossexuais da região, pela qual Rudolf seria novamente pego.

Condenado em 1941 por manter relações sexuais com outros dois homens além de Toni, Rudolf seria mandado para a prisão em Eger, onde executaria trabalhos de manutenção e sofreria com os excessos de poder exercidos pelo diretor do presídio, que odiava homossexuais, e depois transferido para Zwickau para cumprir o restante de sua pena, que terminaria em 1942. Contudo, Rudolf não seria liberto dessa vez, mas sim condenado por uma diretoria de Himmler sobre homossexuais recorrentes que “seduziram mais de um parceiro”^{xviii} e colocado em uma série de transferências de prisões que acabaria no campo de Buchenwald. Rudolf, então, depara-se com um enorme espaço cercado por arame farpado eletrificado, apresentam-se aproximadamente 60 barracões e prédios funcionais (cozinha, lavanderia, despensa, médico e crematório). Ao passar pelo portão principal, o jovem é direcionado para a chamada desinfecção, onde deve abandonar seus pertences, tem todos os seus pelos do corpo raspados e passa por uma banheira contendo desinfetante, todo o processo é rodeado por atos violentos e humilhantes dos soldados da SS, que Rudolf chamaria de início de um lento processo de desumanização, em seguida, recebe seu uniforme listrado, com o número de matrícula 7952 e um triângulo rosa que designa sua homossexualidade, e é direcionado para seu barracão.

É dentro desse enorme cercado, com um leve declive para o norte, que os detentos ficam confinados o dia inteiro. Só se pode entrar pelo grande portão principal – uma construção térrea de alvenaria, medindo cerca de 50 metros de comprimento. À esquerda, o bloco de celas ou Bunker; à direita, uma ala administrativa. O centro é mais alto, com uma

construção de madeira de dois andares encimada por um relógio. Na parte de baixo, a grade dá para uma imponente praça de chamada, de quase dois hectares. Baixa e relativamente estreita, essa grade permite que passem cinco prisioneiros lado a lado entre duas fileiras de SS armados. Na ferragem da porta central vê-se a inscrição “Jedem das Seine” (A cada um o que merece). Em Buchenwald, as coisas são claras; os presos estão lá para expiar seus erros e devem contar apenas consigo mesmos.^{xix}

É importante ressaltar que Buchenwald era um campo de concentração que consistia em presídio para o trabalho forçado, que muitas vezes poderia levar à morte, recebendo deportados políticos e perseguidos pela repressão, mas não fazia parte dos seis campos de extermínio em massa designados pelo Reich para a solução final da questão judaica.

Por outro lado, a trajetória de Pierre Seel até o campo de concentração seria muito mais direta, rápida e violenta que a de Rudolf. Em Mulhouse, Pierre via seu país preparando-se para a guerra. Aos poucos, cada um de seus irmãos foram convocados para se juntarem ao exército, sendo Pierre o único a ficar em casa com seus pais e irmã. Quanto aos relacionamentos, o francês estabeleceria uma forte conexão com outro jovem chamado Jo, junto do qual assistiria a invasão nazista a uma França que praticamente não demonstraria resistência e seria rapidamente anexada ao Terceiro Reich alemão.

A vida cotidiana da família Seel mudaria fortemente a partir daí: o francês e os dialetos locais são proibidos, substituídos pelo alemão; Pierre tem de abandonar seus estudos; e a infraestrutura administrativa nazista implanta-se rapidamente no território ocupado, com instituições como a Juventude Hitlerista e a Gestapo, esta a qual logo tomaria conhecimento das listas rosas nos arquivos policiais. Entretanto, Pierre continuaria a encontrar Jo e alguns amigos da praça Steinbach,

além de, às vezes, juntar-se a grupos de resistência patriótica para arrancar cartazes nazistas das ruas e substituí-los por propagandas pela pátria francesa, arriscando-se sob a vigilância nazista que se fortalecia.

Em 2 de maio de 1941, recebe uma convocação pela Gestapo e comparece ao escritório na manhã seguinte, onde é recebido com brutalidade e colocado em um quarto com outros jovens, alguns deles conhecidos, que foram entrevistados pelos policiais separadamente. Desenvolve-se, então, uma dinâmica parecida com a que ocorrera com Rudolf e seus amigos: as autoridades sabiam sobre a homossexualidade de Pierre, logo tentam armar um efeito dominó para encurralar outros homossexuais da cidade.

Nesse momento, o SS que estava na minha frente, depois de fechar com violência o meu arquivo, chamou-me de Schweinhund, de “cachorro asqueroso”, ou seja, de viado imundo. O interrogatório estava apenas começando. Eu conhecia outros homossexuais? Quais eram os seus nomes e endereços? Eu havia ouvido falar de fulano e sicrano? Não era verdade que tal eclesiástico gostava muito dos jovens? Quais eram nossos locais de encontro? Ele sabia da verdade muito mais do que eu. Eu permanecia calado.^{xx}

À princípio, Pierre, assim como os outros jovens, tenta negar as acusações, sem nenhum resultado. Diante da resistência, os SS partem para a tortura, sendo relatado a extração de unhas, o uso da violência e a violação sexual dos corpos, Pierre relata sentir-se em um açougue, por conta da quantidade de sangue e dos gritos, e as confissões viriam logo em seguida. O grupo seria enviado para a cadeia de Mulhouse, onde Pierre recebe a visita do irmão, que descobre assim sobre sua homossexualidade, e, após dezoito dias preso, é colocado em um caminhão com destino ao campo de Schirmeck, próximo a Estrasburgo.

Schirmeck é descrito como um campo cercado por altos alambrados duplos, com torres de vigilância nos quatro cantos e carcereiros alemães uniformizados logo na entrada para recebê-los. Os novos detentos são abordados com grande violência, passam por uma ducha fria, tem seus cabelos raspados e recebem seus uniformes. Pierre relata ter uma suástica desenhada em sua cabeça pelo encarregado de raspar seu cabelo e nota em seu uniforme uma pequena faixa azul, utilizada para determinar prisioneiros católicos, antissociais e homossexuais, diferente de outros campos como o de Rudolf que utilizavam especificamente o triângulo rosa.

A partir daqui os testemunhos de Rudolf e Pierre coincidem em diferentes aspectos sobre a vida nos campos de concentração, visto que seus sistemas de funcionamento eram semelhantes, mas, frequentemente, são percebidos pelos relatos de formas diferentes. Em primeiro lugar, Rudolf descreve a hierarquia de funcionamento do campo, que não é observada nas memórias de Pierre, tida quase que como uma autogestão: o prisioneiro mais velho, denominado *Lagerälteste*, ocuparia o topo da hierarquia, seguido pelos *Blockältesten*, mais velhos de cada barracão, e uma série de *Kapos*, supervisores intermediários nas áreas de trabalho. Cada um desses postos era subordinado e deveria prestar contas aos SS.

Quanto à rotina, ambos relatam uma experiência semelhante: a fome e o frio extremos eram uma constante, as funções começavam cedo, logo após um café da manhã insignificante, e consistiam no trabalho nas pedreiras próximas, em que as pedras eram destinadas a empreiteiras. O cotidiano era envolto por uma série de violências, vindas principalmente dos *kapos* e dos guardas da SS, e os prisioneiros passavam por duas chamadas diárias, pelas quais eram registrados e, caso não comparecessem, recebiam punições.

Quando a noite chega, os prisioneiros formam de novo as filas para voltar para o Schutzhaftlager e a segunda chamada do dia. Não é raro que tragam nas costas uma pedra que servirá ao pavimento ou à fundação de um prédio no Lager. Ou que levem um morto por causa de exigências da hora da chamada. É o corpo de uma vítima de acidente de trabalho ou da brutalidade do Kapo. Com frequência trata-se de um companheiro de infortúnio “abatido ao tentar fugir”, para utilizar a fórmula administrativa consagrada. Às vezes, é um prisioneiro que abandonou o instinto de vida ou, numa última escapatória, realmente tentou fugir.^{xxi}

Ambos relatam que os acampamentos e barracões eram separados, em sua maioria, por grupos que compartilham alguma semelhança, nos quais os prisioneiros homossexuais misturam-se, Rudolf chega a mencionar uma certa disputa entre os triângulos verde, criminosos comuns e geralmente violentos, e os triângulos vermelho, presos e perseguidos políticos. Contudo, essa experiência no convívio social entre os detentos diverge na visão dos dois: enquanto Rudolf é capaz de estabelecer uma boa relação com outros prisioneiros, principalmente com Gustav, que torna-se seu *kapo* ao ser designado para o ofício de telhador, e Fernand, um antigo combatente das Brigadas Internacionais, ambos triângulos vermelho, Pierre relata um grande isolamento em relação a essas redes sociais, por conta de sua sexualidade e do estigma que a envolve, resultando em um silêncio imposto pelos outros e por si mesmo. O francês afirma: “no universo dos detentos, eu era um elemento completamente desprezível, uma erva daninha ameaçada de ser sacrificada a todo o momento, sem alma, segundo as exigências aleatórias dos nossos carcerários”.^{xxii}

A sensação fantasmagórica também rodeia ambos os relatos. Os horrores vistos e vividos no interior dos muros desencadeiam um processo de

desumanização nos detentos, pelo qual tornam-se habituados à ideia da própria morte e da morte daqueles que estão ao seu redor. Pierre relata diversas vezes a sensação de ter tornado-se um fantasma, transformado apenas em uma sombra de quem um dia fora, sofrendo e observando tantas violências que o processo de desumanização de si continuava acentuando-se até atingir a indiferença. Rudolf aponta a constante presença da morte no cotidiano, a qual o força a dessensibilizar-se para conseguir sobreviver. Em 1943, o jovem observa por um telhado a chegada de prisioneiros soviéticos, escoltados por guardas da SS, que são executados friamente com tiros na nuca, e descreve assistir à cena sem grande aflição, justificando-se: “ver gente morrendo nos deixava quase indiferentes, pois isso era constante no cotidiano. Hoje, choro toda vez que me lembro desses instantes terríveis, mas na época eu endureci para sobreviver... como os outros”.^{xxiii}

Os experimentos em humanos, em especial nos triângulos rosa, aparecem em ambos os relatos, mas é apenas superficialmente citado por Rudolf, enquanto Pierre descreve os episódios com grande terror. Segundo o francês, os alto-falantes do campo chamavam-no pelo nome, bem como a outros prisioneiros, e era levado para uma espécie de laboratório onde eram realizadas atividades experimentais, geralmente consistindo em picadas e injeções no mamilo. Pierre relembra ter perdido um dos colegas em meio a uma dessas ocasiões, após ter o coração perfurado por uma das injeções.

A sexualidade, para aqueles que não tem sua libido totalmente suprimida pelo ambiente, é uma questão complicada nos campos e também é encarada pelos dois prisioneiros de maneira diferente. Por conta dos números majoritariamente masculinos, os detentos apenas conseguem satisfazer suas necessidades com outros do mesmo sexo, sendo escolhidos, em sua maioria, os triângulos rosa, por serem mais novos e, em alguns casos, terem traços

afeminados. Sendo assim, aqueles que possuíam uma posição hierárquica maior, em troca da satisfação de suas necessidades, podiam oferecer rações extras e participação em certas decisões. É nesse contexto de um jogo de interesses pelas mínimas condições de sobrevivência que Rudolf se insere. Entretanto, Pierre vai na direção contrária e comenta manter-se isolado, com medo de chamar atenção por ser um dos mais jovens. “Eu me esforçava para não falar com ninguém e me fechava em uma solidão desesperada pela qual não passava nenhum desejo sexual”.^{xxiv}

Após os cerca de seis meses de Pierre (maio a novembro de 1941) e os quase três anos de Rudolf (1942-1945) nos campos de concentração, suas experiências voltam a divergir-se de maneira significativa. Em novembro de 1941, ao ser chamado pelo diretor do campo, Pierre recebe a notícia de que, por conta de sua boa conduta, poderia deixar o campo, desde que não comentasse nada sobre o que vira, mantivesse um bom comportamento e comparecesse à Gestapo todas as manhãs, caso contrário, corria o risco de ser novamente deportado. O francês, então, parte em direção à Mulhouse e retorna à casa da família, onde é recebido pelo pai que estabelece um pacto de silêncio sobre tudo o que ocorrera antes e durante seu tempo no campo. O silêncio forçado e a repentina, e estranha, volta à sua antiga normalidade geram grande impacto em sua vida e seu modo de encarar o mundo.

Eu havia recuperado o meu quarto, os meus livros, os meus objetos. De uma identidade distante, de antes da minha destruição. Entre os lençóis sedosos da minha cama, no calor ideal, eu me senti horrivelmente oprimido. Só consegui dormir no tapete. À noite, tomado por uma fome terrível, atacava a despensa. Minha família resolveu colocar cadeados em todos os armários que continham comida. Meus gritos acordavam frequentemente a casa toda.^{xxv}

Nos próximos anos de guerra, Pierre seria recrutado pelo exército e passaria a integrar as forças armadas alemãs, o que o leva a uma longa trajetória que não cabe ser explicitada aqui, visto que o objetivo é estabelecer uma comparação e não um resumo da vida dos deportados, mas o levaria à condição de desertor na frente de combate com os russos ao fim da guerra, colocando-no na posição de indivíduo, à princípio acompanhado por outro soldado, mas que acabaria morto no trajeto, sozinho em busca do caminho para casa novamente, mesmo a quase dois mil quilômetros da França.

Enquanto isso, Rudolf permaneceria em Buchenwald até seus últimos dias de funcionamento. Em 1945, os bombardeios nas proximidades do campo tornam-se cada vez mais frequentes e, com a chegada dos aliados à França e à Itália, bem como os avanços soviético na frente oriental, uma fagulha de esperança acende-se em meio aos detentos, que já desenvolvem uma rede de ajuda e solidariedade há algum tempo. Associado a esse contexto, a escassez causada pelas significativas derrotas alemãs na guerra gera grande desorganização na ordem do campo e alguns detentos passam a ser transferidos por conta da superlotação e da dificuldade de controle do lugar. Então, na perspectiva de logo serem libertados, os detentos organizam-se para não serem levados por meio de uma resistência passiva, na qual não se apresentariam caso chamados pelos alto-falantes. Diante disso, Rudolf, juntamente com outros prisioneiros homossexuais, é chamado pela diretoria do campo para ser transferido, mas foge e esconde-se no telhado do estábulo, sendo ajudado por um triângulo vermelho, que o traz comida todos os dias.

Poucos dias depois, na manhã de 11 de abril, com as forças alemãs enfraquecidas, os detentos conseguem tomar o controle do campo e tornam prisioneiros os SS restantes. Nos próximos dias, com a chegada dos americanos, os detentos agora libertos entregariam o poder e logo poderiam partir. Nesse

momento, Rudolf decide, no lugar de voltar para a casa da mãe, seguir seu amigo Fernand em direção a Mulhouse, na França (coincidentemente a cidade natal de Pierre Seel), em uma viagem que duraria duas semanas, em trajetos a pé e de trem.

Em torno do dia 10 de maio, Fernand e Rudolf, inseparáveis, chegam enfim à estação ferroviária de Mulhouse. Para Fernand, esse momento é de reencontro com seus pais e irmãos. Para Rudolf, é o começo de uma vida nova, na França, que se tornará sua pátria adotiva.^{xxvi}

3) Vida após a derrota dos nazistas

Ao retornar para sua casa, Pierre encontra um ambiente muito diferente: seus irmãos haviam retornado da guerra, cada um com suas experiências de batalha particulares, e estavam quase todos casados ou a caminho do casamento. Enquanto ele, em contrapartida, relata sentir-se ainda como um fantasma, sem notar ainda estar vivo, e continuaria assim ainda por um tempo. De modo geral, não se fala sobre o trauma, nem em família nem em público: os homossexuais de Mulhouse haviam retornado, sem sinais do que ocorrera durante o período da Ocupação, e o pacto de silêncio firmado pelo pai continuava em vigor, impedindo que a família sequer comentasse. Quanto à legislação, as leis contra os homossexuais não seriam revogadas de imediato e continuariam vigentes na França até os anos 80, impedindo que se falasse sobre esse trauma em específico, o que reforça o mergulho de Pierre no silêncio.

Com todos os irmãos casados e fora de casa, o jovem aproxima-se da mãe, já com seus 66 anos e uma séria insuficiência cardíaca que exige uma companhia permanente, e desenvolve uma relação mais confiante e intensa, a partir da qual a mãe seria a única da família a encorajá-lo a quebrar o silêncio sobre os anos de guerra. Após certa insistência, Pierre abre-se:

O que contei-lhe é o mesmo que se leu aqui: minha homossexualidade, essa diferença tão difícil de viver em uma família como a minha, em uma cidade como Mulhouse. Eu contei-lhe também sobre o meu encontro com meu amigo Jo. Depois, sobre maio de 1941, as batidas policiais e as torturas da Gestapo. No final, sobre o assassinato selvagem do meu companheiro, seguido desses longos meses de horror no campo de Schirmeck.^{xxvii}

Pouco depois, a mãe morreria seguida pelo pai, deixando o jovem sozinho. Assim, Pierre convence-se de que seria impossível viver como homossexual no contexto social e político em que vivia. Não enxergando possibilidades de retomar sua vida anterior à guerra, o francês casa-se com uma jovem católica da região de Paris, por meio de uma agência matrimonial, e estabelecem-se na casa de seus pais em Mulhouse. O casamento conturbado é marcado por certo isolamento, visto que a mulher não sabia sobre os motivos de sua deportação e também não compreendia o dialeto alsaciano, resultando em várias mudanças de cidade logo após o nascimento dos filhos, dois meninos e uma menina. Sua vida pessoal e a relação com os filhos desenvolve-se de maneira complicada e perturbada, Pierre relata ver-se diversas vezes à beira do precipício entregando-se aos tranquilizantes e ao álcool, era sempre rodeado pelo peso de seu segredo e pelas memórias dos anos de deportação, até que, em 1978, a mulher com um processo de divórcio.

O silêncio seria rompido apenas nos anos 1980 quando, sob o governo de François Mitterrand, a lei antihomossexual seria revogada. Em maio de 1981, é organizado em uma livraria em Toulouse um debate sobre a deportação de homossexuais sob o regime nazista, ao qual Pierre comparece para assistir. Era apresentado o livro *Les Hommes au triangle rose*, de Jean-Pierre Joecker. Ao fim do debate, Pierre encontra-se com o autor e expressa seu desejo de testemunhar,

desde que mantenha seu anonimato. Após 30 anos, pode falar novamente sobre aqueles anos de terror.

Estremeci. Fazia quarenta anos que eu não ouvia o que ouvi ali. Encontrei equivalências de situação, a descrição da mesma dor e das mesmas selvagerias. Minha memória endurecida reconstituía-se através de flashes. Mas todos pareciam ignorar que coisas similares haviam acontecido na França. Eu tinha vontade de gritar do fundo da sala: 'Eu também, eu vivi coisas idênticas!'. Mas não era o caso. Eu ainda mantinha o meu anonimato.^{xxviii}

Entretanto, seu anonimato só seria rompido no ano seguinte quando, diante de uma declaração do Bispo de Estrasburgo afirmando considerar a homossexualidade uma doença, Pierre escreve uma carta direcionada ao Bispo, e a entrega à imprensa, dizendo:

Vítima do nazismo, denuncio publicamente, com todas as minhas forças, que tais discursos favoreceram e justificaram o extermínio de milhões de doentes por razões políticas, religiosas, raciais ou de comportamento sexual. Não sou um doente e não padeço de nenhuma doença. Não desejo retornar às enfermarias onde curaram a minha homossexualidade, mais precisamente em um local que não fica longe da capital alsaciana. Foi em 1941. Eu só tinha dezoito anos. Detido, torturado, golpeado, preso, internado fora de toda jurisdição, sem nenhuma defesa, nem processo, nem julgamento.^{xxix}

Apesar da pouca repercussão, Pierre afirma sentir-se libertado de um segredo e decide entrar com uma solicitação para reconhecer sua deportação como vítima homossexual do holocausto, mas não obtém resultados rápidos. Apenas no início dos anos 90 receberia o reconhecimento de sua transferência para o campo de Schirmeck e, mesmo assim, ainda precisaria de duas

testemunhas oculares que comprovassem sua estada no campo por mais de 90 dias, impossibilitando-o de receber o auxílio como vítima do holocausto.

Em contrapartida, a trajetória de Rudolf seria mais tranquila. Chegando em Mulhouse, Rudolf é recebido pela família de Fernand e logo arruma um trabalho como telhador, consegue lidar com o dialeto alsaciano, por sua proximidade ao alemão, facilmente, mas não fala o francês fluentemente. Após estabelecer-se na cidade, o jovem afirma que pretende retomar a vida de onde havia “parado”, antes de 1937, e logo toma conhecimento das atividades homossexuais da cidade e passa a frequentar a praça Steinbach, coincidentemente a mesma onde Pierre tivera seu relógio roubado anos antes, bem como bailes da região, onde conheceria o jovem Edi, proveniente de uma família que emigrara da Áustria depois da guerra.

Em meio a uma festa de carnaval, Rudolf, travestido de mulher, dança com Edi e ambos se beijam, pouco antes de Rudolf revelar sua identidade. “A despeito dessa situação insólita, é amor à primeira vista para Edi, que declara: ‘Vou amá-lo até quando você tiver cem anos!’”^{xxx}. Apesar dos 18 anos de diferença, a relação duraria por mais de 50 anos. Nos próximos anos, Rudolf solicitaria a cidadania francesa e ambos construíram uma casa, passando a viver juntos, porém nunca oficializaram uma união civil. Em sua vida de casal, os dois passariam os anos trabalhando e viajando pela Europa, até a morte de Edi em 2003, aos 73 anos.

Apesar de, assim como Pierre, manter um silêncio público sobre os anos no campo, a pedido do companheiro, Rudolf viveu uma vida feliz ao lado do parceiro e conseguiu seguir o desejo de construir uma vida nova e deixar os horrores do campo para trás. Quanto à assistência do Estado, Rudolf também apresentaria problemas. Sua aposentadoria conta seu tempo passado em Buchenwald e nas outras prisões, mas sua solicitação de indenização por vítima não judia do holocausto é negada.

Considerações

Tão importante quanto discutir e comparar as vivências de Rudolf Brazda e Pierre Seel é destacar o contexto em que os testemunhos são produzidos. Diferente de outros relatos que tratam sobre o mesmo período, como o famoso *Diário de Anne Frank*, escrito antes e durante os acontecimentos da Segunda Guerra, a biografia de Brazda e a autobiografia de Seel possuem um grande espaço de tempo entre os acontecimentos vividos e a redação dos livros que os expõem, sendo essencial destacar e questionar as razões para tal. Como vimos, Pierre Seel romperia seu silêncio apenas em 1981, ao presenciar discussões sobre outros deportados homossexuais, aproximadamente 40 anos após deixar o campo de Schirmeck, um período de tempo consideravelmente longo. E mesmo assim seria o único alsaciano a expor sua experiência. Seu anonimato seria quebrado no ano seguinte por meio da carta direcionada ao Bispo de Estrasburgo. Enquanto o livro *Moi, Pierre Seel, déporté homosexuel*, utilizado durante toda a discussão aqui explícita, seria publicado em 1994 na França, 53 anos depois de sua libertação, com a colaboração de Jean Le Bitoux, dono da revista *Gai Pied*. Isso só seria possível por estar inserido em um período de lutas e movimentos sociais em prol da causa LGBTQIA+ na França e de retomada dessas vítimas esquecidas do holocausto que foram os triângulos rosa, encorajando Pierre a também testemunhar.

Enquanto o anonimato de Brazda seria rompido ainda depois, por meio de um artigo publicado no jornal *L'Alsace*, em junho de 2008, e da participação como convidado da Parada do Orgulho Gay em Berlim, eventos que o colocariam em contato com Jean-Luc Schwab, diretor de uma associação que cuidava do reconhecimento da divulgação sobre deportados homossexuais. O diretor, a partir de uma intensa pesquisa histórica, redigiria o livro "Triângulo Rosa: um homossexual no campo de concentração nazista" com a ajuda de Rudolf, que seria publicado em 2010. Schwab relata que Brazda não tinha consciência da

importância de sua história, visto que outros já haviam testemunhado relatos parecidos, o que pode ser uma das razões para a demora de sua exposição.

Por fim, o trabalho com testemunhos é complicado, visto que trazem relatos particulares e pessoais de eventos históricos já muito estudados e contam com a memória humana para tal, mas isso não invalida a importância que esses relatos trazem para a humanidade. Rudolf Brazda e Pierre Seel são apenas dois indivíduos dos entre 5.000 e 15.000 deportados homossexuais^{xxxii}, estando entre os poucos que trouxeram suas histórias a público e contribuíram para a preservação da memória desse grupo pouco lembrado e estudado, mas que merecem destaque por figurarem entre as inúmeras vítimas dos horrores nazistas.

Entretanto, para além disso, os testemunhos também são provas da resistência e da luta por sobrevivência de um grupo que, por grande parte da história ocidental, foi perseguido, lutou e continua lutando por seu direito de existir. No documentário “Cabaré Eldorado: O Alvo dos Nazistas”, o historiador Xavier Nunn, ao referir-se aos anos dourados da cidade de Berlim antes da ascensão dos nazistas, aponta que “mesmo hoje, você pode ter essas liberdades e elas serem retiradas de você”^{xxxii, xxxiii}, nos levando a questionar a fragilidade de tais direitos e liberdades conquistados por essa população, mesmo na atualidade. Deste modo, o trabalho aqui pretende não apenas relatar e comparar as experiências de duas vítimas do holocausto nazista, mas também expor e reforçar a importância do trabalho e da discussão sobre essas questões.

Notas

ⁱO presente artigo foi desenvolvido a partir do Relatório final de Iniciação Científica realizado na Universidade Estadual de Maringá, pelo qual recebeu o prêmio de melhor trabalho do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes no 33º EAIC-UEM, sob orientação do Professor Doutor Pedro Carvalho Oliveira (lattes: <http://lattes.cnpq.br/5308202464493853>).

ⁱⁱQUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022. p. 18.

ⁱⁱⁱ Idem.

^{iv} Idem., p. 20.

^vBERTONHA, João Fábio. **Fascismo, Nazismo, Integralismo**. São Paulo: Ática, 2006. p. 36.

^{vi} Idem.

^{vii} Idem.

^{viii} TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. Homossexualidade e fascismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. et al (Orgs.). **Dicionário crítico do pensamento de direita**: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, p. 337-339., p. 337.

^{ix} Idem.

^x SCHWAB, Jean-Luc. **Triângulo rosa**: um homossexual no campo de concentração nazista. Jean-Luc Schwab; Rudolf Brazda. Trad. Angela Cristina Salgueiro Marques. São Paulo: Mescla, 2011. p. 25.

^{xi} SEEL, Pierre. **Eu, Pierre Seel, deportado homossexual**. / Pierre Seel; Jean Le Bitoux. Trad. Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.p. 26.

^{xii} SEEL, Pierre, 2012, p. 28-29.

^{xiii} SEEL, Pierre, 2012, p. 29.

^{xiv} As listas rosas consistiam em arquivos policiais com os nomes de homossexuais da cidade.

^{xv} RICHARDS, J. 1933.

^{xvi} QUINALHA, R., 2022.

^{xvii} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 46.

^{xviii} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 102.

^{xix} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 106.

^{xx} SEEL, Pierre, 2012, p. 40.

^{xxi} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 118.

^{xxii} SEEL, Pierre, 2012, p. 51.

^{xxiii} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 126.

^{xxiv} SEEL, Pierre, 2012, p. 53.

^{xxv} SEEL, Pierre, 2012, p. 63.

^{xxvi} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 156.

^{xxvii} SEEL, Pierre, 2012, p. 108-109.

^{xxviii} SEEL, Pierre, 2012, p. 133-134.

^{xxix} SEEL, Pierre, 2012, p. 172-173.

^{xxx} SCHWAB, Jean-Luc, 2011, p. 165.

^{xxxi} UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, s.d.

^{xxxii} Tradução literal da frase: *“even today, you can have these liberties and they can be taken away from you”*.

^{xxxiii} CABARÉ Eldorado: **O Alvo dos Nazistas**. Direção: Benjamin Cantu. Produção: Mathias Schwerbrock. Alemanha: Netflix, 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=eldorado&jbv=81331646>. Acesso em: 9 jul. 2023.

Referências

BARROS, José D’Assunção. **História Comparada**. [S. l.]: Vozes, 2014.

BÉDARIDA, François. **Tempo presente e presença na história**. In: FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 219–231.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, Nazismo, Integralismo**. São Paulo: Ática, 2006.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”**: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Educ. Rev., Curitiba, n. 12, p. 153–165, 1996. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2024.

CABARÉ Eldorado: O Alvo dos Nazistas. Direção: Benjamin Cantu. Produção: Mathias Schwerbrock. Alemanha: Netflix, 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=eldorado&bv=81331646>. Acesso em: 9 jul. 2023.

DELACROIX, Christian. **A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39–79, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/12709>. Acesso em: 16 nov. 2023.

FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. In: CHAUVEAU, A; THETARD, P. (Orgs.) Questões para a história do presente. Bauru: EDUSC, 1999, p. 103–118.

GONÇALVES, Mateus H. S. **História do Tempo Presente, narrativas e homossexualidade**: os casos de Pierre Seel e Rudolf Brazda como sobreviventes do Holocausto. Resistances: Journal of the Philosophy of History, vol. 02, n. 03, 2021.

GORDON, Mel. **Voluptuous Panic**: The erotic world of weimar berlin. Los Angeles, CA: Feral House, 2006.

HOWARD, Zoë C. **“Berlin Meant Boys”**: Christopher Isherwood in Weimar Germany’s Gay Culture. The Onyx Review: The Interdisciplinary Research Journal, [s. l.], v. 2, ed. 1, p. 15–23, 2016.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de; **A mentalidade hitlerista como se formou o ideário político nazista**. Id on Line Rev.Mult. Psic., Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p.615–633.ISSN: 1981–1179.

MELLO, S. L. de. **República de Weimar: Alemanha 1919–1933**. História & Ensino, [S. l.], v. 2, p. 101–111, 1996. DOI: 10.5433/2238-3018.1996v2n0p101. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12772>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: Uma breve história do século XIX aos nossos dias. São Paulo: Autêntica, 2022.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1993.

SCHWAB, Jean-Luc. **Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista**. / Jean-Luc Schwab; Rudolf Brazda. Trad. Angela Cristina Salgueiro Marques. São Paulo: Mescla, 2011.

SEEL, Pierre. **Eu, Pierre Seel, deportado homossexual**. / Pierre Seel; Jean Le Bitoux. Trad. Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. **Homossexualidade e fascismo**. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. et al (Orgs.). Dicionário crítico do pensamento de direita: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, p. 337–339.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Introduction to the Holocaust**. Available in: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/introduction-to-the-holocaust>. Accessed on: February 19, 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Nazi Camps**. Available in: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/nazi-camps>. Accessed on: February 19, 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Gay men under the nazi regime**. Available in: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/gay-men-under-the-nazi-regime>. Accessed on: January 16, 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Paragraph 175 and the nazi campaign against homosexuality**. Available in: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/paragraph-175-and-the-nazi-campaign-against-homosexuality>. Accessed on: January 17, 2024.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM PHOTO ARCHIVES. **Photo of the Eldorado Club.** Berlin, Germany, 1933. Photograph. Available in: <https://perspectives.ushmm.org/item/photo-of-the-eldorado-club>. Accessed on: January 17, 2024.

VIEIRA, Neff Borba Araquan. **Dissidências flamejantes na república de Weimar:** um espetáculo moderno de intelectualidade e gênero na HQ 'Berlim' de Jason Lutes. 2023. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2023.

Recebido: 05/09/2025

Aprovado: 18/11/2025

Publicado: 30/12/2025